

TEÓFILO

O retrato de Teófilo Braga feito pelo Columbano é uma figura dramática. Quem lida com ele diz que Teófilo fala, fala sempre e diz mal de tudo e de todos: do Camilo, do Eça, do Antero. Diz mal da madrasta, por causa de quem saiu de casa, indo para Coimbra. A sua primeira ideia foi a América. Há uma única pessoa de quem diz bem: – do pai, que foi um grande homem de bem. Da República conta horrores.

– E não hei-de morrer sem deixar o meu depoimento sobre os homens do regime. O que lhes valeu no estrangeiro foi eu presidir ao Governo; senão, tomavam-nos como apaches.

Velho – está resistente e teimoso – velho está agressivo como na primeira hora!

– A mim tanto me faz ser rico como ser pobre. Se fosse rico, vivia da mesma maneira... Aqueço o meu café no candeeiro de petróleo. Ninguém me procura. Não me importa. Às vezes batem-me à porta e eu finjo que não ouço. Deixá-los lá...

– Porque ando sempre de guarda-chuva? Até já o Bordalo me caricaturou de guarda-chuva... É que o guarda-chuva, para mim, serve-me de tudo, até de arma. Duma vez, numa velha questão com o Castilho, o filho, o Júlio, encontrámo-nos nas escadas da Biblioteca e chamou-me: – Patife! patife! – Fui para ele de guarda-chuva em riste e, se não foge, tirava-lhe um olho!

O Manuel Ramos conta ao Pacheco do *Janeiro* esta cena macabra, que lhe foi narrada pelo Anselmo Braamcamp:

Primeiro descreve o velho pertinaz e materialista – mais velho, mais avaro, mais seco (mas não esqueçam que toda a sua obra só teve um fito: o engrandecimento do povo português), o velho com ódios até à última, bico e unhas até ao fim da vida. – Intervém a morte, leva-lhe a mulher, aquela pobre velha que se levantava às vezes no meio duma visita, quando ele era presidente – o senhor Presidente – e dizia assim (anos e anos de hábito e de ternura): – Agora vou-me embora, porque lhe quero assar um franguinho, que é a única coisa que ele gosta de comer. Intervém a dolorosa tragédia, o cangalheiro, o enterro e Teófilo recomenda: – Gastem pouco dinheiro! gastem pouco dinheiro! – Uma velha criada quer vestir à sua senhora um vestido de seda:

– Para que é isso? – É o vestido que a senhora disse que queria levar... – diz a mulher, chorosa. – Isso está ainda muito bom, veste-lhe outro, mais velho. – E levando-a junto ao caixão assevera: –O que ali vês é lodo! é lodo, só lodo!

Não sei se isto é inventado, porque estes Braamcampes, todos estes homens da investigação, não se podem ver uns aos outros – mas está certo – está certo com a figura, com a avareza – com o sentimentos e as ideias – está horrivelmente certo.

Morreu-lhe a mulher, e a criada velha que o servia abandonou-o. Tomou uma rapariga, que adoeceu. Ouvia-se então Teófilo, nas sessões da Academia, dizer:

– Vou-me embora mais cedo porque estou sozinho e tenho de cozinhar lá umas coisas...

E isto só o engrandece.

O que eu admiro mais neste velho é a teimosia e o hábito. À força de persistência, chega a ser o que um sobreiro chega a ser no monte: deita raízes no mesmo sítio, engrossa e cresce: tem grandeza. Sempre agarrado aos seus livros, às suas ideias, à sua obra – que Unamuno diz que tem três metros de profundidade – aos seus princípios, atinge o tamanho e a majestade duma árvore secular. Tiro-lhe o meu chapéu pelas

intenções, pelo esforço, pela sinceridade da sua vida, pelos seus hábitos simples, ligado ao trabalho sempre. É um homem tão extraordinário, que morre impenitente, não só agarrado às suas ideias mas também aos seus rancores que leva para a cova para remoer por *omnia secula seculorum*.

Raul Brandão, *Memórias II*